

O capitalismo é patriarcal: diálogos entre o feminismo e o marxismo

Natália Alves da Silva

natalialvesrj@gmail.com

Título da Mesa: Os limites da crítica tradicional: o que as periferias podem dizer sobre?

Eixo temático: Teoria do valor e antagonismo social

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns aportes que a teoria feminista pode oferecer em diálogo com a teoria marxista e a teoria crítica em geral, colocando em debate o pensamento marxista com a obra da historiadora italiana Silvia Federici, que reflete sobre o processo de formação do capitalismo no mundo e os processos de violência, apropriação e subjugação das mulheres que o constituem.

PALAVRAS CHAVE: marxismo, feminismo, patriarcado, trabalho, caça às bruxas.

SUBSTRACT: This article aims to debate the feminist and marxista theory beyond the work of Silvia Federici, a feminist thinker who debates the process that constitutes the capitalism sistem in world history and the violence, appropriation and subjulgation of women.

KEYWORDS: Marxism, feminism, patriarchy, work, witch-hunt.

1. Introdução

O presente artigo tem como objetivo apresentar alguns aportes que a teoria feminista pode oferecer em diálogo com a teoria marxista e a teoria crítica em geral. Entende-se aqui o feminismo como um movimento político que tem uma vasta formulação teórica sobre a realidade e que historicamente tem contribuído para a compreensão de estruturas sociais de opressão e exploração.

Coloco em debate o pensamento marxista com a obra da historiadora italiana Silvia Federici, que reflete sobre o processo de formação do capitalismo no mundo e os processos de violência, apropriação e subjugação das mulheres que o constituem.

Este debate é urgente para caracterizar o cenário nacional e internacional, que aponta para uma forte ameaça de redução de direitos historicamente conquistados, aumento das desigualdades, avanço de políticas neoliberais e degradação dos meios de reprodução social. Esse contexto impacta de maneira desigual os sujeitos sociais. Para aquelas que são historicamente responsáveis pelas tarefas reprodutivas, os encargos gerados pelo desmonte dos direitos sociais é maior. Nesse sentido a incorporação do debate sobre o feminismo é uma importante chave teórica e prática para compreender a conjuntura.

O movimento feminista da década de 1960 formulou uma crítica radical às estruturas sociais, tecendo importantes confrontos com as vertentes liberais do movimento de mulheres e, ao mesmo tempo, com a subestimação da questão das mulheres no debate marxista. É desta reflexão se difunde o conceito de patriarcado como formação social em que os homens detêm o poder sobre as mulheres.

As relações sociais entre os sexos instauram uma divisão sexual do trabalho que destina aos homens as tarefas produtivas, valorizadas e remuneradas. Às mulheres são delegadas as tarefas reprodutivas ou o chamado trabalho doméstico, entendido como o conjunto de múltiplas tarefas ligadas ao cuidado de pessoas. Realizadas no âmbito da família, essas tarefas são desvalorizadas socialmente, invisibilizadas e gratuitas (DELPHY, 2009). Essa divisão gera a redução do conceito de classe trabalhadora e o ocultamento das mulheres no sistema de exploração-opressão capitalistas. O trabalhador assalariado do sexo masculino, livre de amarras para vender sua força de trabalho, só pode historicamente se constituir pela existência de uma figura feminina realizando todo o trabalho doméstico em sua sombra.

A divisão sexual do trabalho coincide com a divisão da sociedade entre esfera pública e privada sendo a primeira a esfera da política a da produção, masculina por excelência, e a segunda a esfera da domesticidade e do cuidado, sendo considerada a esfera feminina.

Apesar da atividade reprodutiva ser uma atividade essencial, uma vez que ninguém sobreviveria sem cuidado, o fato de ser relegada a esfera privada e individual contribui para a sua invisibilização. Longe de ser feito por amor ou por alguma predisposição inata

ou biológica das mulheres como cuidadoras, o trabalho de cuidado se realiza por determinação das estruturas de dominação e tem fortes impactos sobre a vida das mulheres (TRONTO, 1997).

O entendimento do cuidado como uma preocupação social, que necessita de investimentos públicos para a sua coletivização, retirando-o do particularismo da esfera privada, é fundamental para a transformação das relações sociais no capitalismo. Entretanto, o neoliberalismo vai na contramão desse processo e a redução dos direitos sociais joga ainda mais sobre as mulheres as tarefas reprodutivas.

As mulheres transitam entre as duas esferas, mas sua participação na esfera pública traz fortes determinações da esfera privada. Além de ter que compatibilizar o trabalho de cuidado com a esfera da produção, as mulheres encontram mais empecilhos em participar politicamente dos espaços. O patriarcado demanda, além do controle sobre o trabalho e a subjetividade feminina, o controle sobre os corpos das mulheres. Esse controle passa pela violência sexual, pelas legislações que punem e controlam as mulheres, e pela chamada cultura do estupro, que produz violências diversas, desde o assédio nas ruas, até estupros seguidos de assassinato, chegando aos altos índices de feminicídio registrados no Brasil. Houve ainda poucos avanços quanto aos direitos reprodutivos das mulheres e projetos recentes de lei ameaçam direitos assegurados nesse campo.

2. O patriarcado na formação do capitalismo moderno: aportes de Silvia Federici ao marxismo

O debate entre a teoria feminista e o marxismo é vasta e diversa. O presente artigo se deterá à uma contribuição particular: a obra recém traduzida para o português, *O Caliban e a Bruxa*, da feminista marxista italiana Silvia Federici.

O Caliban e a Bruxa é uma obra que se desenvolve no bojo dos debates que se desenvolveram no movimento feminista dos anos 60-70, sobretudo na sua fase mais radical. Um desses debates dizia respeito ao trabalho doméstico, à reprodução. Nesse momento era percebido que muitos problemas pelos quais as mulheres passavam na sociedade capitalista advinha da divisão sexual do trabalho, que destinava às mulheres o trabalho de reprodução e condicionava a elas terem menos poder na sociedade.

O debate em geral concluía que as mulheres não têm tanto poder quanto os homens porque não são produtivas, não estão implicadas na produção do capital e sim em relações pré-capitalistas. Desconsidera-se o fato de que o trabalho doméstico não produz apenas pratos limpos, vestidos bonitos, comida, mas a força de trabalho e a capacidade de as pessoas trabalharem. Nesse sentido é um trabalho central dentro da organização capitalista. É um dos pilares da organização do capital. O motivo pelo qual esse trabalho é invisível é que o capitalismo criou a noção de que trabalho é sinônimo de salário. Onde há trabalho tem que haver salário.

A análise marxista ignorou completamente esse aspecto da sociedade capitalista. Focou sua análise no salário como fonte de exploração e no funcionamento da sociedade capitalista como forma de organização social que produzia uma hierarquia entre as classes, sem refletir detidamente sobre as desigualdades e contradições no seio do próprio proletariado.

O capitalismo como sistema se apropriou de uma quantidade imensa de trabalho não pago. Ele se constituiu estruturalmente a partir da desvalorização e degradação do trabalho reprodutivo. É estrutural ao capitalismo a desvalorização do trabalho feminino e do trabalho reprodutivo. Se desvaloriza a própria vida para manter baixo o custo do trabalho.

O capitalismo criou um certo tipo de trabalho reprodutivo: o trabalho doméstico. A forma como ele se desenvolve não tem correspondência em sistemas anteriores. É um exemplo de como o capitalismo se apropriou de certas formas sociais e as reestruturou.

Para entender esse processo é preciso retornar a análise do período da transição do feudalismo para o capitalismo. É preciso uma análise crítica da obra de Marx sobre o tema. Em *O Capital*, o operário da fábrica, com o seu salário compra seus meios de reprodução, usa os meios e os reproduz.

O valor da força de trabalho, tal como o de qualquer outra mercadoria, é determinado pelo tempo de trabalho necessário para a produção — portanto, também reprodução — deste artigo específico. Enquanto valor, a própria força de trabalho representa apenas um *quantum* determinado de trabalho social médio nela objetivado. A força de trabalho existe apenas como disposição do indivíduo vivo. A produção daquela pressupõe, portanto, a existência desta. Dada a existência do indivíduo, a produção da força de trabalho consiste na sua própria reprodução ou conservação. Para a sua conservação, o indivíduo vivo precisa de uma

certa soma de meios de vida. O tempo de trabalho necessário para a produção da força de trabalho resolve-se, pois, no tempo de trabalho necessário para a produção destes meios de vida ou: o valor da força de trabalho é o valor dos meios de vida necessários para a conservação do seu possuidor. A força de trabalho, porém, só se realiza pela sua exteriorização, só se ativa no trabalho. Pela sua ativação — o trabalho — é despendido um determinado *quantum* de músculo humano, nervo, cérebro, etc, que tem de ser de novo substituído. Este dispêndio aumentado implica uma entrada aumentada. Se o proprietário da força de trabalho hoje trabalhou, tem amanhã de poder repetir o mesmo processo nas mesmas condições de força e saúde. A soma dos meios de vida tem, pois, de bastar para conservar o indivíduo que trabalha como indivíduo que trabalha no seu estado de vida normal. As próprias necessidades naturais [*naturlicheri*], como alimentação, vestuário, aquecimento, habitação, etc, são diversas segundo as peculiaridades climáticas e outras peculiaridades naturais de um país. Por outro lado, o âmbito das chamadas necessidades imprescindíveis, assim como a maneira da sua satisfação, são eles mesmos um produto histórico e dependem, portanto, em grande parte, do estágio de civilização de um país e entre outras coisas dependem também essencialmente das condições em que se formou a classe dos trabalhadores livres e, portanto, de com que hábitos e exigências de vida. (MARX, 2011).

Não intervém nada entre o operário o salário e o consumo, não há outros trabalhos que intervém. Não há o trabalho doméstico. Ali há uma ideia vaga de procriação, porque há certa hora Marx afirma que:

O proprietário da força de trabalho é mortal. Havendo, portanto, o seu aparecimento no mercado de ser contínuo, como pressupõe a transformação contínua de dinheiro em capital, então o vendedor da força de trabalho tem de se eternizar «no modo em que cada indivíduo vivo se perpetua a si próprio, por procriação». As forças de trabalho retiradas ao mercado por deterioração e morte têm no mínimo de ser constantemente substituídas por um número igual de forças de trabalho novas. A soma dos meios de vida necessários para a produção da força de trabalho inclui, portanto, os meios de vida dos substitutos, i. é, dos filhos dos operários, de tal modo que esta raça de peculiares possuidores de mercadorias se eternize no mercado das mercadorias. (MARX, 2011).

Silvia Federici, em sua historiografia do processo de caça às bruxas no final do feudalismo, chega a algumas conclusões. A primeira é que o capitalismo não se constituiu a partir de um processo evolutivo, em que a sociedade vai caminhando para sistemas mais evoluídos e desenvolvidos. Em segundo lugar, o capitalismo começa como contrarrevolução para destruir as lutas sociais que haviam se dado no período feudal de camponeses e artesão contra o poder feudal. Em um certo momento essas lutas puseram em crise o sistema feudal. O capitalismo foi uma resposta a essa crise. Crise do comando sobre o trabalho. Uma parte da classe feudal na Europa entendeu que não podia reproduzir-se.

Na visão da autora, o capitalismo se construiu a partir de uma série de estratégias que a classe dominante adotou para recuperar o poder que estava em cheque com a crise do feudalismo. Federici reconhece que a perspectiva de Marx aponta algumas dessas estratégias entre as quais destaca-se a expansão colonial, com a obtenção de ouro e a prata vindo das Américas, que contribuíram com a criação uma economia de mercado e a expulsão dos camponeses da terra. No entanto, a autora questiona por que Marx não se pergunta sobre a reprodução da vida e nem sobre se a transição para o capitalismo impactou diferentemente a homens e mulheres.

Uma das teses defendidas por Silvia Federici em *O Caliban e a Bruxa* é que a separação dos camponeses da terra e a expansão colonial descritos por Marx foram só alguns dos aspectos da acumulação originária. Houve outra separação entre produtos, entre as mercadorias destinadas ao mercado para a venda e os produtos do trabalho reprodutivo. Isso é muito importante porque se pensamos em uma economia de subsistência em que as pessoas produzem para a sua manutenção não há nenhuma separação entre produção e reprodução. A separação existe somente quando o produto do trabalho vira mercadoria que pode ser vendida e comprada. Assim, começa no capitalismo uma separação decisiva entre produção e reprodução, e essa divisão gera invisibilização e desvalorização do trabalho reprodutivo que começa a ser feito pelas mulheres.

Desta forma, Federici chega a uma conclusão historicamente verificável: o surgimento do capitalismo produziu a divisão produção e reprodução, salário e não salário, homens e mulheres, uma clássica divisão sexual do trabalho e essa divisão é presente até os nossos dias.

Há documentações que provam que na Europa a partir do século XVI muitas mulheres foram expulsas dos trabalhos produtivos que realizavam anteriormente. As mulheres começaram a não encontrar emprego. Os únicos empregos que encontravam eram os de cuidadora, cabelereira, limpeza, louça, roupa, trabalhos ligados à reprodução. Verificou-se um grande empobrecimento das mulheres.

O capitalismo trouxe um empobrecimento geral, porque cada vez mais gente perde a terra e o pagamento pelo trabalho (assalariado) é muito baixo. Com a chegada do ouro e da prata os preços de tudo sobem e a pobreza aumenta. Isso impacta sobretudo as mulheres,

sobretudo as mais velhas, que não encontram emprego. No início do capitalismo explode a prostituição em muitas cidades europeias, se torna um fenômeno de massas.

Neste momento de redefinição da economia capitalista é fundamental observar como nas bases históricas do seu processo de formação o capitalismo desvalorizou a reprodução. Estudando o século XVI e XVII, Federici se depara com um episódio sem precedentes na história: a caça às bruxas. Uma parte importante da sua obra vem mostrar como a transição ao capitalismo transforma a posição das mulheres, mas também a relação que todo o proletariado tem com o seu corpo. Isso porque o capitalismo se propõe a mudar a postura dos seres humanos frente ao trabalho e também é o primeiro sistema da história que vê o trabalho como o centro da riqueza social. Desta forma, mais do que qualquer sistema ele se interessa em disciplinar a massa da classe trabalhadora. O início desse ato disciplinador se deu a partir de uma grande reforma social na qual a caça às bruxas é o elemento central. Esse processo visa criar um novo tipo de trabalhador e um novo tipo de trabalho, um novo tipo de disciplina.

Essa é inclusive a origem do nome do livro de Federici. Caliban é o nome de um personagem de uma obra de Shakespeare, *A Tempestade*. A história é de um príncipe italiano que com sua filha é atingido por uma tempestade, sofre um naufrágio e chega a uma ilha (do Caribe). Lá ele encontra um nativo, um indígena e o coloniza, o escraviza, este indígena é o Caliban. Caliban é apresentado como um ser monstruoso, um ser meio homem meio animal, essa é a visão que os europeus tinham dos povos colonizados. Caliban está sempre revoltoso, sempre pronto para alguma subversão. Dizem que Shakespeare usou a palavra Caliban para dizer canibal, muito baseado nos relatos dos colonizadores que diziam que o novo mundo era um mundo de canibais.

Federici usa Caliban como um símbolo tanto desse processo de colonização, que foi fundamental para o processo capitalismo, como como símbolo desse corpo proletário que precisa ser doutrinado, privado de toda a sua autonomia e criatividade. Como nesse processo se muda a relação que o proletariado tem com seu corpo, com seu tempo, com a natureza, com os outros, com o modo de vestir. Há um grande ataque a festas e a outros modos de sociabilidade semelhantes. Há um esforço de individualizar, separar para diminuir as forças coletivas de resistência.

O outro elemento é justamente as bruxas e sua caça. Esse fenômeno raramente é abordado na história e é sempre cercado de imagens folclorizadas como o *Halloween*. O feminismo começa a estudar a história dessas mulheres e encontra um passado de verdadeiro extermínio. Centenas de milhares de mulheres em dois séculos e meio foram presas, torturadas e mortas, queimadas vivas na praça das aldeias com a obrigação de toda a população, a começar por suas filhas, assistirem. Uma coisa que não tem precedentes na história. Com acusações fantásticas e terríveis, de serem servas do demônio, inimigas da sociedade.

Esse fenômeno merece uma reflexão. Na perspectiva de Federici, a sociedade moderna capitalista se inicia com um extermínio de mulheres sob a acusação de que essas mulheres pobres eram inimigas da humanidade. Quando se lê os documentos as acusações parecem tão absurdas que se torna de fato difícil defender-se delas. Parece que os políticos e magistrados da época haviam enlouquecido. Uma abordagem cronológica permitiu evidenciar que a caça às bruxas se dá no mesmo período da colonização da América, do desenvolvimento de uma economia de mercado e da expulsão dos camponeses. Portanto, o fenômeno da Caça às Bruxas não caracteriza tanto o feudalismo, mas o processo de formação do capitalismo.

Em segundo lugar, Federici analisa o que está acontecendo na sociedade em suas dimensões jurídicas e econômicas, o que ofereceu um contexto para a compreensão das acusações que eram endereçadas às mulheres. Isso permitiu enxergar o empobrecimento das mulheres sobretudo das mais velhas, as que mais facilmente eram acusadas de bruxas, além da massificação da prostituição e o disciplinamento do proletariado.

A partir daí se constroem uma série de hipóteses que fizeram ver que a caça às bruxas foi um momento definitivo da formação do proletariado moderno, do desenvolvimento do capitalismo e da formação da sociedade moderna e que atuou de forma multifuncional, mas que sem dúvida teve uma função principal: a de extirpar toda uma série de modos de vida, crenças, sujeitos sociais, cuja existência era um obstáculo a sociedade capitalista. E mais especificamente, serviu a estabelecer o controle do Estado sobre o corpo das mulheres, sobretudo a reprodução. Não à toa uma grande parte das acusações faziam referências às bruxas como mulheres que matavam crianças, faziam homens ficarem

impotentes e impediam a reprodução das mulheres. A bruxa é apresentada como uma canibal porque comiam criancinhas.

Federici interpreta essas acusações, que levaram as mulheres à morte ou à exclusão social, como um ataque ao controle que elas detinham sobre o próprio corpo e sobre a procriação, fato que obstaculizava o desenvolvimento do capitalismo que passava a ver a procriação como uma questão econômica ligada ao trabalho. Na ótica em que o trabalho é considerado como fonte de riqueza, quanto mais trabalhadores mais riquezas. Essa era uma das teses centrais do mercantilismo. É interpretar a expulsão dos camponeses da terra e a escravidão nessa chave, assim como o ataque a concepção e o controle sobre os corpos das mulheres com a sua apropriação pelo Estado para que se tornem uma máquina de reprodução. Nesse mesmo período nasce a demografia.

A caça às bruxas também teve como objetivo disciplinar a sexualidade das mulheres no limite da procriação. Além da questão populacional anteriormente mencionada, a sexualidade das mulheres começava a gerar medo, por ser considerada uma força social subversiva que ameaça a disciplina do trabalho e ameaça a autoridade dos homens sobre as mulheres. A caça às bruxas serve para impor a autoridade patriarcal na medida em que sustenta que as mulheres são seres débeis mentalmente, sujeitas as serem tentadas pelo diabo e, portanto, devem ser controladas pela autoridade masculina, dentro da família e dentro da sociedade.

Então a caça às bruxas teve o objetivo geral de acabar com formas de vida que não eram compatíveis com o capitalismo. De forma específica criou uma arquitetura social na qual as mulheres teriam que estar limitadas ao trabalho desvalorizado e invisível. Segundo a autora, ela pode ser comparada com a guerra as drogas ou a guerra contra o terrorismo. A bruxa era a terrorista dos séculos XVI e XVII.

Fortalece-se uma hierarquia a partir da caça às bruxas que é importante para gerar uma divisão entre homens e mulheres, a criar uma suspeita dos homens nas mulheres. As mulheres castram, voam a noite por aí, fazem sexo com o demônio. A degradação das mulheres, que perdura até os dias de hoje, tem como antecedentes três séculos de violência e propaganda. Mulheres humilhadas, arrastadas, queimadas.

A partir do salário o Estado havia dado ao homem a autoridade sobre as mulheres, a divisão entre produção e reprodução começa um regime em que os assalariados controlam os não assalariados. O homem trabalhador assalariado tem como recompensa um controle a partir do salário do trabalho da mulher que o reproduz.

Há também outras questões muito importantes como o tema da fome. Nas histórias de caça às bruxas há sempre um banquete demoníaco nas narrativas. Muitas bruxas foram acusadas de sair à noite e comer os animais dos vizinhos mais ricos, de controlar os ventos e provocar devastações nas colheitas. A bruxa representa a rebeldia dos pobres e os medos da classe dominante.

Muitas mulheres acusadas de bruxas na verdade eram curandeiras que cuidavam dos pobres, tinham seu jardim de plantas medicinais o que representava uma autoridade na comunidade. O capitalismo centraliza conhecimento. Nesse período começa a aparecer a profissão médica.

Para concluir, com a caça às bruxas se construiu uma nova imagem da mulher e do que devia ser sua posição no capitalismo. Da caça às bruxas sai uma ideia de que a boa mulher que tem que ser casta. Toda essa máquina de perseguição foi exportada ao novo mundo. Sobretudo a partir do século XVI foi exportada para o México e as áreas andinas para quebrar a resistência de chefes de comunidades, para expropriar terras dos povos originários, para demonizar as religiões que adoravam a natureza como religiões andinas e de matriz africana. A dominação das terras, nesses continentes, é a dominação dos corpos e o estupro das mulheres. A caça às bruxas nos países colonizados serviu para degradar a condição e o prestígio que as mulheres gozavam nessas sociedades. Em contrapartida, segundo Federici, as mulheres foram as que mais resistiram à colonização.

3. Conclusão

A releitura da formação do capitalismo por Silvia Federici traz contribuições centrais não apenas para o marxismo, mas para o próprio movimento feminista. Considerar a relação intrínseca entre capitalismo e patriarcado implica em estabelecer certa unidade entre a luta anticapitalista e antipatriarcal.

Na atual fase do capitalismo em que assistimos novos processos de acumulação originária com a globalização, financeirização, destruição do estado de bem-estar social é fundamental retomar as bases sobre as quais este se alicerça. A sobreacumulação e as crises do capitalismo geram o aprofundamento da destituição dos meios de subsistência e extermínio de pessoas consideradas descartáveis. Entendendo que as mulheres são as principais responsáveis pela reprodução da vida, elas seguem estando no centro desse ataque.

Bibliografia:

TRONTO, Joan (1997) “Mulheres e cuidados: o que as feministas podem aprender sobre a moralidade a partir disso.” em: *Gênero, Corpo e Conhecimento*, Alison M. Jaggard e Susan R. Bordo. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997.

DELPHY, Christine (2009) “Patriarcado (teorias do)” em: *Dicionário crítico do feminismo*. Helena Hirata et al (orgs). São Paulo: Editora UNESP, 2009.

MARX, Karl (2011). “Cap. 4, Livro II”. *O Capital*. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1867/capital/livro1/cap04/03.htm>. Acessado a 14 de julho de 2017.

FEDERICI, Silvia (2017). *O Caliban e a Bruxa*. Disponível em: <http://coletivosycorax.org/>